



OPINIÃO

Transformações no varejo agrícola brasileiro e seus impactos no mercado de fertilizantes

Luiz Fernando Naso (*)

Nos últimos anos, o setor de varejo agrícola no Brasil vem passando por mudanças significativas.

Impulsionadas pela entrada de fundos de investimento e de uma forte onda de fusões e aquisições no setor de revendas. Essas transações redesenharam a estrutura do setor de distribuição, criando grandes plataformas e empresas cada vez mais verticalizadas. Apesar do importante foco em eficiência operacional, sinergias e profissionalização da cadeia, o movimento também trouxe novos desafios.

O cenário de preços favoráveis das commodities agrícolas durante o período de consolidação capitalizou produtores e reduziu o risco de inadimplência para as revendas. Entretanto, o recente movimento de queda de preços dos principais produtos trouxe maior desafio de inadimplência no setor, impactando sobretudo empresas que não se adaptaram à verticalização, não estruturaram suas operações de forma estratégica e, assim, já enfrentavam desafios relacionados à receita e à rentabilidade.

Em um recorte específico sobre fertilizantes, temos um mercado altamente influenciado pelos preços das matérias-primas, essencialmente importadas, no qual as oscilações afetam diretamente a rentabilidade dos produtores. Neste momento em que o país se prepara para a safra do milho (que segue a colheita da soja no primeiro trimestre), a relação prejudicada de troca entre os preços das commodities e dos fertilizantes levou os agricultores a adiarem suas decisões de compra de insumos. O resultado é o cenário atual, de atraso de mercado de safra, em comparação com anos anteriores. E de eminente risco de gargalo logístico.

É importante lembrar que a imensa maioria das matérias-primas para a produção de fertilizantes são importadas, e que os principais misturadores brasileiros também costumam postergar sua própria decisão de importação desses materiais até que tenham uma sinalização mais firme do volume de vendas. Da ação de compra, passando pelo processo de logística de importação, para enfim processar a mistura e disponibilização do fertilizante para o agricultor, temos até 120 dias. Dessa forma, dinâmicas de postergação de decisão de compra por parte do agricultor podem acarretar um risco real de limitações de abastecimento no mercado local, no tempo correto.

Essa dinâmica de mercado

fez de 2023 um ano bastante desafiador para o Brasil. O desabastecimento de matérias-primas foi lição aprendida para a indústria de insumos e o varejo agrícola, que neste final de ano já trabalham antecipando parte das compras para o próximo ciclo como uma forma de sair na frente da concorrência e de garantir estoques de produtos para venda. O cenário para 2024 ainda depende muito do comportamento de preços das commodities, principalmente da soja (responsável por cerca de 45% da demanda total de fertilizantes no país), mas há hoje um otimismo para este ciclo, com perspectivas de crescimento da demanda por fertilizantes e necessária recomposição das reservas de nutrientes do solo.

Voltando ao movimento de formação de plataformas das redes de distribuição de insumos no Brasil, a verticalização trouxe modelos de negócios mais resilientes e resistentes às desafiadoras dinâmicas locais. Nesse contexto, a Nutrien, uma multinacional de varejo agrícola, destaca-se com seu modelo "one-stop-shop". Além de misturadores de fertilizantes regionais, a empresa oferece um portfólio completo de soluções, incluindo tecnologias de proteção de cultivos, sementes, produtos biológicos, serviços agrônômicos, e também alto investimento em plataformas digitais de recomendação de insumos e em soluções financeiras criativas. Uma arquitetura robusta que consegue oferecer maior estabilidade nos preços e nas opções de financiamento, ajudando os agricultores a enfrentar a volatilidade. As estratégias da Nutrien incluem ainda o fortalecimento de parcerias locais e globais, se aproveitando da vantagem de ser uma das maiores produtoras de fertilizantes do mundo. Acompanhado por preços competitivos, equipes qualificadas e logística eficiente, o modelo se prova eficaz e deve ganhar participação de mercado.

Quando se trata do papel dos fertilizantes na saúde e fertilidade do solo, na nutrição e no desenvolvimento dos cultivos, o acesso dos agricultores a tecnologias produtivas no tempo correto e à assistência técnica qualificada contribuem para a maior eficiência no investimento, com economia e uso racional dos recursos, resultando em maior produtividade e sustentabilidade ambiental e econômica. Com seu modelo centrado na oferta eficiente de insumos, a Nutrien está, portanto, fortemente posicionada para liderar no cenário em evolução do varejo agrícola brasileiro, assegurando soluções completas e suporte essencial aos agricultores do país.

(*) Diretor de Fertilizantes da Nutrien no Brasil.

Tendências para o agronegócio em 2024

Biond Agro analisa futuro do agronegócio para o próximo ano e prevê safra de R\$156,7 milhões de toneladas de soja

O segundo semestre de 2023 contou com instabilidades climáticas constantes no território brasileiro. Fortes chuvas na região sul, ondas de calor superando 40 graus em diversos estados brasileiros; todas as situações sob influência do fenômeno El Niño. Os impactos dessas variações no clima atingiram diretamente o agronegócio no país.

Para 2024, o cenário climático continuará a ditar as regras de como o setor se desenvolverá ao longo do novo ano. No entanto, a tendência para a próxima safra é de crescimento, em comparação com a safra do ano passado. Segundo dados do time de inteligência e consultoria da Biond Agro, empresa brasileira de gestão e comercialização de grãos, em referência à safra de soja, a expectativa de colheita para a cultura é acima de 153 milhões de toneladas, marca alcançada pelo país em 2022.

“Nossos dados indicam para o mês de dezembro uma colheita de 156,7 milhões de toneladas de soja, esse número já foi revisado para baixo em duas ocasiões. Para 2024, prevemos um crescimento de aproximadamente três milhões de toneladas, o número reflete as complexidades na execução da cultura, visto que desenvolvimento na infraestrutura do Brasil cresce a um ritmo bem menor do que a produtividade da indústria”, comenta Felipe Jordy, coordenador de inteligência e consultoria da Biond Agro.

Já no caso do milho, a situação é mais complexa de prever. A principal safra de referência na cultura do grão refere-se ao milho safrinha que é plantado logo depois da colheita da soja, contudo, as expectativas também sugerem que a safra



Murilo_Gualda_CANVA

poderá sofrer por conta do clima em sua janela produtiva, causando recortes na sua estimativa.

Seca no centro-oeste e recomposição de estoque no mundo

O clima segue sendo o principal vilão do agro brasileiro. Especialmente no centro-oeste, o índice de seca persiste piorando e registrando valores maiores que o histórico. No Mato Grosso, por exemplo, as regiões de Sinop, Sorriso, Alto Araguaia e Campo Novo do Parecis seguem alocados em seca severa ou extrema.

Para um bom plantio, é necessário um solo úmido e boas chuvas na primeira fase de desenvolvimento da planta. Contudo, não estão acontecendo registros regulares de chuva em todo o país. É necessário estabilidade climática e chuvas regulares para que a planta possa recuperar parte do potencial.

“Seria ideal que com a chegada da colheita, o bom clima acompanhasse as lavouras nas fazendas, desenvolvendo normalmente as plantações e assim as mercadorias possam ser escoadas sem grandes dificuldades para os portos”, afirma Jordy.

Já o cenário mundial para 2024 é de recomposição dos estoques de produtos. É possível prever boas recuperações na oferta da região da Argentina, saindo de uma colheita de 25 milhões de toneladas, para uma produção mais normal, de cerca de 50 milhões de toneladas de soja, tendo o milho a mesma situação.

“Tudo isso acontecendo em um cenário onde a demanda pelos produtos parece retornar a uma curva de crescimento normal, principalmente se olharmos o comportamento da China. Nesse contexto, o cenário de preços deveria ter um sustento nos níveis atuais e veríamos os atores da cadeia se focando principalmente na colheita e execução”, finaliza Felipe.

Agri Biotech: inovações para ficar de olho

O ano de 2023 foi positivo para o agronegócio brasileiro. Com recorde na safra de milho, o PIB do setor caminha para fechar o ano com uma expansão de 14,8%, segundo análise da consultoria MB Associados. Mas as perspectivas para 2024 são mais desafiadoras: em um primeiro prognóstico, o IBGE prevê uma redução de 2,8% na safra frente a 2023. Isso se deve, principalmente, às variações do clima: o excesso de chuvas no Sul e a seca no Norte atrapalharam o plantio, o que deve ter impacto direto na produção do ano que se inicia.

Segundo recente relatório da FAO, a agropecuária mundial perdeu US\$3,8 tri com catástrofes entre 1991 e 2021. A maior parte dessas catástrofes, que saltaram de 100 por ano em 1970 para 400/ano nas últimas duas décadas, é decorrente de mudanças climáticas.

Os conflitos na Europa e no Oriente Médio também devem impactar o agro brasileiro, já que interferem no preço do petróleo, afetando os custos de produção de fertilizantes, pesticidas, diesel e fretes.

Para minimizar a dependência das mudanças climáticas e apostar em um agro mais sustentável, com fertilizantes e defensivos “de casa”, importantes cientistas de Agri biotech brasileiras estão desenvolvendo novas tecnologias de alto valor para o setor, propondo uma mudança positiva na qualidade e produtividade das culturas agrícolas.

Abaixo, duas soluções disruptivas criadas por startups que vão impactar o setor em 2024.

1. Edição genética

Nada de transgenia. Aqui, a ideia não é alterar o material genético com a introdução de genes provenientes de outra espécie. A disruptura proposta pela InEdita Bio - startup de inteligência em *Life Science* que utiliza a engenharia molecular para aumentar a sustentabilidade do agronegócio - é editar genes-chaves da própria planta para promover a melhoria de qualquer característica agrônômica desejável.

“Comparo esse processo ao de editar um texto. Não reescrevemos ou adicionamos nada, apenas corrigimos pequenas partes para que o todo fique melhor. Essa edição é possível através das nossas plataformas, que podem ser utilizadas com qualquer método de transfecção celular, incluindo tecnologias que utilizam ferramentas biológicas como a *Agrobacterium tumefaciens*, ou ferramentas físicas como o bombardeamento com micropartículas



ou o uso de nanotubos de carbono”, afirma Paulo Arruda, sócio-fundador da biotech.

Com as plataformas da InEdita, focada nas principais culturas agrícolas mundiais - soja, milho, arroz e trigo -, é possível desenvolver variedades resistentes a pragas e doenças, variedades com maior capacidade de fixação biológica de nitrogênio, e variedades mais resilientes a episódios de seca e altas temperaturas.

Hoje, cerca de 90% do milho e soja cultivados no Brasil possuem biotecnologia. Nosso país, pelo seu clima extremamente favorável, tem potencial de aumentar ainda mais a produção das grandes culturas. Mas, para isso, precisa aumentar significativamente a produtividade das culturas - produzir mais em menos espaço e com menos insumos químicos. “Nossos *traits* biotecnológicos de alto valor permitem a produção sustentável de alimentos, com redução do impacto socioeconômico e ambiental dos fertilizantes e pesticidas químicos, e aumento da resiliência das culturas globais aos efeitos das mudanças climáticas”, conta Arruda.

2. Biológicos de nova geração

O Brasil importa cerca de 85% dos fertilizantes usados na agricultura. Quando a Guerra da Ucrânia começou, o fornecimento foi impactado e mostrou tanto a dependência do setor pelo que se produz lá fora quanto a urgência de soluções desenvolvidas aqui.

Dentro das possibilidades para atender a esta demanda estão os bioinsumos - especialmente os biológicos de nova geração, soluções disruptivas desenvolvidas à base de novos microrganismos. Aqui, destaca-se a Symbiotics. A biotech brasileira

trabalha com o que há de mais avançado no mercado para estudos de microbioma, genômica, análise de dados e edição genômica, desenvolvendo soluções de nutrição vegetal, biocontrole, sequestro de carbono e bioestimulantes usados para aumentar a produtividade agrícola de forma sustentável e com menor impacto ambiental.

“As novas tecnologias biológicas da Symbiotics são capazes de captar e melhorar a absorção de nutrientes para o ecossistema, como nitrogênio e fósforo. Isso sem gerar danos aos solos, biomas e, principalmente, à saúde humana, já que substituem parte dos produtos químicos comumente usados e com alto índice de toxicidade”, afirma Rafael de Souza, CEO e cofundador da startup.

Em termos econômicos, para o Brasil, as biotecnologias desenvolvidas pela startup podem reduzir a dependência de insumos importados, desvinculando os custos dos produtores da variação do dólar e do custo de transporte internacional. Ou seja, uma contribuição para a sustentabilidade e para a economia local.

“Nossas soluções têm um potencial essencial na adaptação das plantas às condições climáticas adversas, situação que vem se agravando por conta do aquecimento global. No aspecto ambiental, as tecnologias desenvolvidas pela Symbiotics - ao empregarem microrganismos nativos e mais eficientes do ponto de vista de atuação - estimulam a manutenção das comunidades microbianas benéficas existentes no solo, gerando maior equilíbrio e oferecendo uma barreira aos fitopatógenos que causam danos à cultura e prejuízos aos produtores”, completa Jader Arnanhi, COO e cofundador da Symbiotics.

Cibercriminosos visam Agronegócio, responsável por 10% dos ataques de ransomware

Entre os setores visados por esses criminosos, o agronegócio tem se destacado como um dos mais vulneráveis à ação dos hackers. Responsável por 10% dos ataques de ransomware no Brasil em 2023, o setor se tornou um alvo prolífico no universo digital, aponta o relatório semestral da Apura Cyber Intelligence S/A. O agronegócio, que engloba desde a produção agropecuária até a comercialização dos produtos agrícolas, vem se transformando rapidamente com o avanço da tecnologia. No entanto, essa mesma tecnologia que impulsiona o setor, também traz consigo potenciais riscos e vulnerabilidades que podem ser explorados por cibercriminosos. Os ataques de ransomware são uma modalidade

de crime virtual que envolvem a invasão de sistemas e o sequestro de dados por hackers. Nesse tipo de ataque, os criminosos exigem um resgate em dinheiro para liberar o acesso às informações ou sistemas afetados. E o agronegócio acaba se tornando um alvo lucrativo para os cibercriminosos. Um caso notório aconteceu em fevereiro de 2023, com a empresa Dole Food, uma das maiores produtoras de frutas e vegetais do mundo. A companhia foi vítima de um ransomware, em que dados e informações importantes são “sequestrados” e um resgate é exigido. O ataque afetou significativamente a distribuição dos produtos nos Estados Unidos, causando prejuízos estimados em torno de 10 milhões de dólares.